

Brasil de olho na especulação externa

■ Economistas não vêem indicadores favoráveis para ataques ao real, mas recomendam correções para manter a estabilização

SÔNIA ARARIPE

Se depender da previsão de alguns economistas que acompanham a situação fiscal e cambial brasileira, dificilmente o Brasil será o próximo alvo de especuladores internacionais. O cenário traçado, porém, não é completamente azul. Com base nos indicadores recentes, todos sabem, de cor e salteado, que no médio a longo prazo será preciso fazer correções na rota para manter o sucesso do plano de estabilização econômica.

"Não seremos a bola da vez. Temos muita munição para evitar estes ataques, mas no médio a longo prazo o cenário passa a preocupar. A privatização, por enquanto, é uma arma e tanto. Mas o dever de casa terá de ser feito alguma hora", acredita João Luiz Máscolo, professor do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais e diretor do Banco Rendimento. Ele prevê que as reformas da previdência

e fiscal só deverão vir no próximo governo – provavelmente, em sua avaliação, o segundo mandato do presidente Fernando Henrique. "A ida do André Lara Rezende para o governo é um ótimo sinal de que eles estão preocupados com o futuro", interpreta João Luiz Máscolo.

O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, e sua equipe, têm reafirmado seguidamente que o Brasil está realmente longe não só geograficamente dos mercados asiáticos, mas também em aspectos conjunturais. "A união da equipe tem sido importantíssima. Sem falar nos instrumentos que o BC possui hoje para acompanhar de perto o fluxo de capital", diz Luís Roberto Cunha, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Na crise cambial do México, em 1994, os economistas do governo divergiam muito quanto à condução da economia.

Ipea – Na sua última carta de con-

juntura, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), enfatizou que há diferenças significantes entre o caso brasileiro e os países do Sudeste Asiático. Apesar dos problemas de déficit do balanço de pagamentos em conta corrente, as reservas vão muito bem (por volta de R\$ 60 bilhões), há resultados expressivos na queda da inflação, a crise bancária passou e não houve, por aqui, empréstimos pesados para financiar um boom especulativo no mercado imobiliário. Vários boletins de instituições financeiras também têm feito estas distinções.

"É preciso conhecer bem a realidade brasileira para entender que temos controles suficientes contra este tipo de ataque. Acho praticamente impossível que venha a acontecer agora", confirma José Júlio Senna, ex-diretor do BC, hoje dirigente do Banco Grapheus. As declarações do economista americano Paul Krugman, de que o Brasil poderia ser o próximo a sofrer

com a ação dos especuladores, agitaram na segunda-feira o mercado financeiro, mas ontem o clima já era bem mais tranquilo. "Não estamos nadando de braçada. Mas o quadro é muito menos catastrófico do que tem sido pintado por algumas pessoas. Os especuladores procuram lucro e mercados onde podem agir livremente. Aqui seria difícil avançarmos desta forma", avalia André Góes, economista do Banco Bozano, Simonsen.

□ Citando a experiência dos países do Leste Europeu, o economista alemão Christof Rühl, do *European Bank for Reconstruction and Development*, alertou ontem o governo brasileiro para os perigos da dependência do capital externo. "Além de privatização. É necessário às economias emergentes uma política monetária e fiscal consistente para diminuir a necessidade de financiamento do déficit interno", afirmou.